

BAU:	<i>Amazônia</i>
EMITENTE:	<i>Paulo Coelho</i>
ASSUNTO:	<i>Rita Lee</i>
DATA:	<i>17/08/1976</i>

R I T A L E E E T U T T I F R U T T I



É sempre muito fácil falar de um disco. Mas no caso de "Entradas e Bandeiras", o mais recente Lp de Rita Lee, o disco fala por si mesmo, as palavras tornam-se desnecessárias. Conseqüentemente resolvemos ouvir Rita em suas posições quanto ao mundo e quanto ao estágio atual de seu trabalho.

Choveu um pouco, mas já parou, e a noite começa a descer rapidamente. Lá fora, no principal estádio, 3.000 pessoas estão sentadas na grama e nas arquibancadas, prontas para ver o início do espetáculo; cá dentro, Rita Lee, sozinha, está sentada num pequeno camarim concentrando-se para entrar no palco. Sua eficiente equipe termina de montar os instrumentos, testa o som dos microfones, regula os efeitos especiais, trabalhando numa espécie de balé acrobático regido pela maestrina-empresária Monica Lisboa. Judy Spencer tenta vencer as dificuldades técnicas do local, para armar o poderoso equipamento de luz que servirá de sistema plástico na apresentação do show.

Num canto dos bastidores, os integrantes do grupo Tutti Frutti conversam despreocupadamente sobre detalhes técnicos da próxima gravação; fazem planos, desfazem planos, inventam e contestam os elementos que utilizaram. Lee Marcucci e Luis Carlini, autores de várias faixas do próximo Lp, discutem a possibilidade de testarem algumas das novas músicas no show que começará daqui a alguns momentos. Aos poucos, o show "Fruto Proibido" vai se transformando em "Entradas e Bandeiras", título do próximo Lp. Novas músicas vão sendo acrescentadas, outras saem, e a coreografia do palco vai se modificando.

Alguém vem avisar que faltam cinco minutos para entrarem no palco. Monica Lisboa já terminou a supervisão dos equipamentos e agora se aproxima de Rita Lee e Tutti Frutti. Conversam mais um pouco, fazem observações a respeito do público e das reações aos conjuntos que se apresentaram anteriormente, procuram cercarem-se de todos os elementos que permitam um verdadeiro espetáculo de técnica e som.

É chegada a hora. Ninguém está nervoso, todos possuem a "vivência de palco", conseguida depois de muitas apresentações em todos os cantos do país. Os músicos sobem no tablado, e verificam por uma mera questão de rotina a afina

nação dos instrumentos; já sabem que está tudo pronto, tudo testado, tudo planejado para que não exista nenhum toque de amorismo no espetáculo.

Os acordes soam amplificados pelo mais moderno equipamento de som. Rita Lee entra, a platéia manifesta-se mas é logo hipnotizada pela cantora. Daí em diante são duas horas de música, de som, de efeitos, de luz, de fogos de artifício, de harmonia completa entre músicos e cantora, entre máquinas e homens. O público é conduzido carinhosamente pela voz da "corista de rock" - como Rita Lee chama a si mesma - pelas regiões divinais e abissais do som e das letras. Canta junto as músicas conhecidas, olha com curiosidade as novas canções, não desprega os olhos um momento da menina loura que flutua no palco.

.....

Rita Lee está novamente no seu camarim, exausta, bebendo aos poucos uma garrafa de água mineral que sua empresa - ria providencialmente colocou. Responde as perguntas com desembaraço, entre um fôlego e outro, de vez em quando pegando o violão para exemplificar melhor uma idéia. Monica Lisboa, depois de verificar o desmonte da aparelhagem, junta-se a nós e assiste boa parte da conversa.

P-Como é, basicamente, seu relacionamento com as pessoas, quando você está no palco?

RITA LEE - Geralmente meus shows são feitos para uma média de 3.000 pessoas porque rock é muito caro dada a dificuldade de transporte e manutenção da aparelhagem. Pois bem, eu subo no palco, olho aquela multidão esperando que eu diga alguma coisa, com todos os olhares concentrados em mim, e então eu penso: "tudo que eu falar aqui vai sair amplificado, altíssimo, e todos vão ouvir com uma força de quebrar as muralhas de Jericó". E eu procuro ficar relax, transmitir calma e alegria de quem está se expressando da forma que gosta. Ao invés de falar simples -

mente para as pessoas, eu procuro traduzir em música os meus sentimentos e pensamentos, desde o que é que eu acho do cotidiano até minha relação com coisas mais profundas, como amor e Deus. Quando você fala pela música, você não fala apenas com a letra, mas com todo o conjunto, como se cada coisa dependesse da outra e se combinassem. Assim, meu corpo, a luz do palco, o som tal da guitarra, o vocal tudo é harmônico e condizente com a idéia que eu quero expressar. Esta unidade de expressão talvez seja a coisa mais difícil que eu consegui realizar. E a coisa mais necessária, também. Porque faz com que meu relacionamento com o público seja total, completo, sem qualquer trava bloqueando.

P - Você podia falar um pouco deste novo disco, "Entradas e Bandeiras"?

RITA LEE - Bem, primeiro precisamos traçar um paralelo entre este disco e o anterior, "Fruto Proibido". "Fruto Proibido" era uma informação muito geral, um despertar de suspeitas nas pessoas, mas como não tinha um objetivo definido as pessoas suspeitavam do que estava acontecendo, sem contudo terem a certeza. Em "Entradas e Bandeiras" já existe uma colocação da bandeira num local qualquer, como nos livros de histórias das crianças. É uma invasão pacífica, onde eu continuo mantendo o bom humor.

Neste disco, em termos de grupo, o trabalho está mais forte, mais consciente. Grande parte das músicas é feita de parceria com os membros do grupo, com as pessoas que estavam constantemente sacando e participando do trabalho que se realizava. O disco foi sendo conquistado aos poucos, foi nascendo de uma viagem externa - pelo Norte e Nordeste do Brasil - e de uma viagem interna, no dia-a-dia de cada um de nós. Cada um deu o limite máximo que tinha atingido na fase em que fizemos o disco. Houve preocupação desde a corda da guitarra até o corte do disco, passando pela precariedade das gravações, já que existe muito pouca mão de obra especializada. A gente, consciente das dificuldades que ia enfrentar, procurou criar alternativas

que contornassem todas as dificuldades.

Pensamos no público, pensamos na forma mais fácil de dizer as coisas para ele. Porque o rock no Brasil está muito sofisticado em termos musicais.

P - Porque?

RITA LEE - Não sei se os grupos de rock não tem o que dizer ou não sabem como dizer, o fato é que estão se distanciando cada vez mais do público. Ninguém liga para o português, ninguém percebe que é uma língua riquíssima, mesmo passando por um microfone e por um sistema de amplificação. O rock não é apenas um estilo de música, é a verdade de cada um em termos musicais. É a indefinição dos ritmos, é a não definição dele mesmo. Entretanto, todo mundo que não sabe o que faz, diz que faz rock. Esquecem a valorização do texto, letra, e concentram tudo no som, acham que rock é só som. Não querem ser comerciais, não entendem que comercial não é baixar o nível, mais descobrir uma linguagem mais apropriada, uma linguagem que atinja o mais amplo número de pessoas possível. Se voce colocar o dia-a-dia de uma forma bem feita, as pessoas entendem, assimilam, e passam a participar da arte como uma força transformadora.

P - Voce se considera comercial?

RITA LEE - Eu levo a sério esta brincadeira de ser comercial. Mas nunca perco o desejo de brincar.

P - O que é o preconceito do comercial?

RITA LEE - É aquela visão antiga de que voce tem que se sacrificar, violentar seu ego, para que as pessoas possam escutar o que voce está falando. Isto é infantilidade. A letra e a musica devem ser trabalhadas numa busca de uma consciência geral e nunca negadas, como se tem feito. O português, como já disse, é uma língua muito louca, muito rock. O fato de ser comercial não impede que seu trabalho chegue até o público com verdade, com qualidade e com carinho. Nada melhor para um artista que ver suas idéias compartilhadas com muitas pessoas; ela se sente menos só, e sabe que está comungando com os outros.

P - Como voce classifica o público das suas musicas?

RITA LEE - Meu grande relacionamento com o público se dá nos shows ao vivo, e creio que ali eu tenho a oportunidade de saber que quem me escuta não se divide por idade ; tem um pouquinho de tudo. Em shows eu tenho visto muitas vezes a mãe ou o pai levar o filho, e ficarem procurando entender o que eu digo, porque o filho entende. Eu tenho a firme convicção de que penetro dia-a-dia em camadas cada vez mais amplas.

Falo as coisas de uma forma simples e direta, sem grandes rodeios. No palco, quando eu estou nervosa eu transmito isto, quando estou calma eu transmito também. Existe uma musica neste disco chamada "Tico-Tico": é o cantar do passarinho, o cantar pela beleza e pela sobrevivencia. Nesta musica eu procurei colocar meu jeito de ser como é que eu e o meu grupo de rock se relacionam como o mundo que nos cerca. Eu acho que sou muito leve; e é pela leveza que eu passo as coisas para as pessoas.

P - Voce carrega na forma ou no conteúdo?

RITA LEE - Nos dois. Eu disse antes: a musica é a harmonia de tudo.

P - Em que é que modifica seu trabalho, por exemplo, o fato de voce ser mulher?

RITA LEE - Não tem muita mulher fazendo coisa aqui no Brasil, de modo que meu trabalho ganha outra característica, principalmente porque o rock não tem restrição musical. Existe, isto sim, uma restrição moral: o rock é meio clube do bolinha. Então fica engraçado eu estar lá na frente, conduzindo um grupo, falando coisas e tomando posições a respeito dos acontecimentos.

P - Como é que voce vê esta liderança?

RITA LEE - Uma mulher que está sentada na platéia e me vê cantando, pensa: "puxa, eu também poderei sair dos meus limites". No inicio eu tinha muito medo disto, porque eu suspeitava de uma posição que limita a posição dos outros. Depois eu fui vendo que não é nada assim. Numa li

derança verdadeiramente criativa, o poder é usado no sentido de transmitir cada vez mais liberdade às pessoas. Um líder é um fenômeno cíclico: ao mesmo tempo que dá de si, recebe dos outros.

P - Como voce encara o trabalho de Rita Lee no momento atual, em relação aos outros valores da musica brasileira?

RITA LEE - Eu acho que sou uma pessoa de sorte: sempre 'na "hora H" eu me aproximo das pessoas certas. Eu estou aprendendo, e continuarei aprendendo o resto de minha vida. As pessoas hoje em dia estão muito preocupadas em falar de si mesmas de uma forma egoísta. Eu procuro mostrar aquilo que tenho de comum com as outras pessoas; minhas verdades e meus medos, minhas inseguranças e meus momentos felizes. Antigamente rock era para mim apenas aquilo que eu queria. Eu não queria compromisso com as coisas, era a brincadeira pela brincadeira. Agora, eu penetro no compromisso que cada um tem consigo mesmo e com as coisas que cercam cada atividade do homem. Na minha musica eu dou minha opinião sobre o mundo, mas uma opinião que é o filtro da opinião de muita gente. Algumas pessoas me encaram como uma menina falando do mundo de menina; não é nada disto, mas elas só vão perceber depois que sacarem a brincadeira séria que é o rock que nós fazemos. Porque o rock não é apenas chegar e tocar: necessita de uma infra-estrutura, uma mini-empresa funcionando, com toda a carga de disciplina que para isto é necessário. E eu preciso estar atenta a tudo, preciso saber o que se está pensando dentro do grupo, da mesma forma que todos precisam saber o que estou pensando; desde o técnico de luz até o guitarrista, todos comungam desta liberdade disciplinada que é uma banda de rock. Esta comunhão de pensamento é que torna a empresa-rock diferente da empresa de engenharia. É o amor pelas coisas, o trabalho por prazer: eu, por exemplo, acordo as dez horas da manhã para fazer ginástica, para dançar e me aproximar mais do trabalho, para me apresentar bonita para as pessoas.

P - Como é seu cotidiano?

RITA LEE - Tem dias passivos e ativos. Nos dias passivos, a pasta cai da escova, o carro custa a pegar, as coisas ' ficam mais difíceis; então é hora de ficar em casa aprendendo, ouvindo disco, dançando, cuidando dos meus bichos, tocando violão. As vezes eu saio para dar uma caminhada e fico observando as pessoas, deixando que elas penetrem na próxima musica que vou fazer. Quando chegam os dias ativos, eu estou pronta para agir. Nos dias passivos a gente aprende, nos dias ativos a gente realiza.

P - O que é sobreviver de arte?

RITA LEE - Muita gente pensa que eu ganho muito dinheiro. Realmente eu as vezes faturó bem, mas todo dinheiro que eu ganho é investido naquilo que eu faço, em equipamentos e coisas assim. Tenho duas pessoas, Monica e Judy, que cuidam da parte financeira, o que me permite ficar com tempo livre para criar. A Monica tem plena confiança nas pessoas que cuidam dos seus negócios e não quer se envolver em nada que não seja musical. Rock é uma industria, precisa de muito dinheiro em cima; de nada adianta uma letra maravilhosa se os falantes estão ruins e as pessoas não vão escutar nada.

P - Quais são as características principais de sua musica atual?

RITA LEE - A minha musica é o folclore do tecnológico. Enquanto que em determinadas áreas culturais do Brasil o folclore é a dança dos indios; aqui no sul o folclore é o metrô, é o viaduto, é a poluição. Isto eu reflito em minha' musica, mas de uma forma simples e direta.

P - E como é que o público de outras cidades recebe esta informação?

RITA LEE - Quando eu chego num lugar do interior, por exemplo, eu procuro dizer para as pessoas que elas tem muita coisa que o habitante da grande cidade não tem: elas tem o verde, tem o mar, tem a flora e a fauna. Então nós realizamos uma troca: eu dou a tecnologia e eles me dão a natureza. Porque a tecnologia também tem o seu fascínio, princi-

palmente se apresentada de uma forma bem humorada, que é como eu apresento. Eles tem a paz e querem ver o lado louco; eu tenho o lado ouco e quero a paz. Nesta integração a gente se entende e se completa.

P - O que voce acha da juventude atual?

RITA LEE - Sempre transviada, no bom sentido. E é através da musica que o jovem atual descobriu sua forma de colocar a boca no mundo. As pessoas gritam e perguntam pela minha boca. As vezes eu sou um instrumento, um intérprete de coisas mais amplas, de gritos mais gerais.

P - Como será o próximo show?

RITA LEE - Uma evolução dos acontecimentos. O show é o desenvolvimento do trabalho do disco. Enquanto que no disco a gente tem que resumir a musica num tempo comercialmente aceitável, no show existe tempo para mostrar todos os lados. O lado da banda está bem mais desenvolvido, a movimentação vai ganhando cada vez mais importancia na mise en scène. Não sou virtuose em nenhum instrumento, e isto é muito bom porque me impede de ser radical e me permite transar em todas as áreas. O show "Entradas e Bandeiras" é uma expedição de alegria, é uma bandeira de tudo aquilo que eu sou.

.....

"Entradas e Bandeiras" continua uma caminhada começada a muitos anos atrás, num grupo de escola. Vai desbravando matas e mentes, ampliando as fronteiras da sensibilidade, cultivando o terreno fértil da emoção humana. Junto com seu grupo, Rita "Corista de Rock" Lee termina um show e se põe novamente na estrada, pronta para novas aventuras e novas paisagens. A pesada aparelhagem torna-se leve com as melodias, o cansaço serve de motivo para mais uma musica, "Superstafa" o amor e a solidão são matérias-primas indispensáveis na comunicação entre a artista e a platéia. Rita considera o aplauso tanto uma resposta como uma pergunta, e procura incentivar a ambos.

D I S C O T E C A H I P O P O T A M U S

V O L U M E 4

O volume 2 "Discoteca Hipopotamus" alcançou o 3º lugar nas paradas de sucesso do Rio de Janeiro e 2º lugar em São Paulo, mantendo-se nestas posições durante algumas semanas, conforme informação do Nopem. Estes dados somados ao grande sucesso feito pelo 1º volume, justificam o lançamento do Lp "Discoteca Hipopotamus" volume 3, produzido por Flávio Ferrari sonoplasta da boite Hipopotamus, badaladíssima nas noites paulistas.

Dentre os grandes sucessos que compõem este disco, citamos alguns, como: "Smoke Gets in Your Eyes", com Penny McLean; "Extra, Extra (Read All About It)", com Ralph Carter; "More, More, More", com Andrea True Connection; "La Maladie D'Amour" com Michel Sardou e "Could It Be Magic", com Donna Summer.

G L O B O D E O U R O

Um grande numero de Lps, compactos duplos e compactos simples são lançados a cada mês pelas gravadoras, algumas musicas destes lançamentos "estouram" e vão para os primeiros lugares das paradas de sucesso, em execução e vendagem. O programa "Globo de Ouro", levado ao ar pela Rede Globo ' de Televisão apresenta algumas destas musicas.

A Som Livre, baseada nesta seleção musical, lança o Lp "Globo de Ouro" com os mais recentes sucessos apresentados neste programa, num total de 16 musicas.

"Cadeira de Rodas", com Fernando Mendes; "Mistura de Carimbô", com Eliana Pittman; "A Lua e Eu", com Cassiano; "Secretária da Beira do Cais", com César Sampaio; "Os Meninos da Mangueira", com Araulfo Jr. e "Manuela", com Raphael são alguns destes super sucessos nacionais.

O C A S A R Ã O

Uma antiga musica de Dorival Caymmi anuncia a novela das 20 hs da Rede Globo de Televisão, ambientada desde o início do século até os dias de hoje. Gravada por Gal Costa, a lindíssima composição de Caymmi - "Sô Louco" - é uma das musicas deste importante Lp, selecionado para a trilha sonora da novela "O Casarão", que conta com alguns dos nomes mais expressivos da musica popular brasileira.

Como em seu show, um dos mais discutidos e badalados do momento, Elis Regina abre o lado A do disco com a versão de Aramando Louzada, da musica "Fascination" (Marchetti/Feraudy), gravada algumas dezenas de vezes por cantores famosos. Suely Costa e Francis Hime participam do Lp, com as composições "Retrato" e "Capricho", compostas s / poemas de Cecilia Meireles e Castro Alves, respectivamente. Da jovem e vigorosa geração de novos compositores - as musicas "Latin Lover", de João Bosco/Aldir Blanc; "Menina do Mato", de Ruy Maurity; "Tangará", de Geraldinho Azevedo e "Coisas da Vida", de Rita Lee. Em cima das "gerações Carolinas", personagens centrais da novela, a composição romantica de Chico Buarque "Carolina", com o conjunto "Aquarius", e um dos mais importantes musicos brasileiros - Chico Batera - presente com "Quibe Cru", de Jamil Jones.

Lp "O Casarão", um lançamento Som Livre, sob direção de produção de Guto Graça Mello e direção de estúdio de Sérgio Mello.

H I T P A R A D E

Rio de Janeiro

- 1º lugar - ANJO MAU (INTERNACIONAL)
- 3º lugar - PECADO CAPITAL (INTERNACIONAL)
- 4º lugar - ANJO MAU (NACIONAL)
- 5º lugar - O MELHOR DA JOVEM GUARDA
- 12º lugar - SARAMANDAIA

São Paulo

- 1º lugar - ANJO MAU (INTERNACIONAL)
- 2º lugar - PECADO CAPITAL (INTERNACIONAL)
- 4º lugar - O MELHOR DA JOVEM GUARDA
- 7º lugar - ANJO MAU (NACIONAL)
- 8º lugar - EXCELSIOR - A MÁQUINA DO SOM (Vol. 4)

(pesquisa feita através da Parada de Sucessos da ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PRODUTORES DE DISCOS)